

A PESQUISA PARTICIPANTE UM MOMENTO DA EDUCAÇÃO POPULAR¹

Carlos Rodrigues Brandão
Maristela Correa Borges

RESUMO

Diferentes experiências de Pesquisa Participante se originam dentro de diversas unidades de ação social que atuam preferencialmente junto a grupos ou comunidades populares. Geralmente elas são postas em prática dentro de movimentos sociais populares, ou se reconhecem estando a serviço de tais movimentos. Entre as suas diferentes alternativas, elas alinham-se em projetos de envolvimento com ações sociais de vocação popular. Seu ponto de origem deve estar situado em uma perspectiva da realidade social, tomada como uma totalidade em sua estrutura e em sua dinâmica. Ela deve ser pensada como um momento dinâmico de um processo de ação social comunitária. O compromisso social, político e ideológico do/da investigador(a) é com a comunidade, com as suas causas sociais. Na maior parte dos casos, a pesquisa participante é um momento de trabalhos de educação popular, realizados junto com e a serviço de comunidades, grupos e movimentos sociais, em geral, populares. Na pesquisa participante sempre importa conhecer para formar pessoas motivadas a transformarem os cenários sociais de suas próprias vidas e destinos. As abordagens de pesquisa participativa aspiram participar de processos mais amplos e contínuos de construção progressiva de um saber mais partilhado, mais abrangente e mais sensível às origens do conhecimento popular.

PALAVRAS-CHAVE – pesquisa participante; educação popular; movimentos sociais; conhecimento.

THE PARTICIPANT RESEARCH – A MOMENT FOR POPULAR EDUCATION

ABSTRACT

Different experiences of Participant Research come from many units of social action that work together with popular groups or communities. Usually they are either used in popular social movements, or seen as a service for such activities. Among its different alternatives, they are arranged with projects that involve social actions of popular vocation. Its origin should be situated in a social reality perspective, taken as totality in its structure and its dynamics. It must be thought as a dynamic moment of

¹ Este texto é uma recriação a partir de dois outros. O objetivo desta atualização é tornar mais acessível a educadoras e educadores para quem a *pesquisa participante* é um instrumento importante de trabalho, algumas idéias e propostas possivelmente úteis e atuais. Quem queira ler os documentos originais, deverá recorrer aos seguintes livros: ***Pesquisa participante – a partilha do saber***, Editora Santuário, Aparecida do Norte, 2006, organizado por Danilo Streck e Carlos Rodrigues Brandão, e ***A pesquisa a várias mãos***, Editora Cortez, São Paulo, 2003.

a communitarian social action process. The researcher's social, political and ideological commitment is with the community, and its social causes. In most cases, the Participant Research is a moment for popular education, developed with and to serve the communities, social groups and activities, mostly, popular. In the Participant Research knowledge is always important to train motivated people to transform the social scenes or their own lives and destinies. The Participant Research approaches try to participate in bigger and continuous gradual construction process or a more collective, broadening and sensible understanding of the popular knowledge origins.

KEY-WORDS – participant research; popular education; social activities; knowledge.

DE ONTEM PARA AGORA

O modelo de investigação social de que trata este pequeno estudo tem recebido diversos nomes: “pesquisa participante”, “auto-diagnóstico”, “pesquisa ação”, “pesquisa participativa”, “investigação ação participativa”.

Em termos de Brasil e de América Latina, alguns pontos em comum podem ser estabelecidos.

1. Diferentes experiências do que estaremos chamando aqui sempre de *Pesquisa Participante* surgem entre as décadas dos anos 60 e 80 em alguns lugares da América Latina. Mas em pouco tempo elas se difundem por todo o continente.
2. Elas se originam dentro de diversas *unidades de ação social* que atuam preferencialmente junto a grupos ou comunidades populares. Em sua maioria elas serão postas em prática dentro de *movimentos sociais populares* emergentes, ou se reconhecem estando a serviço de tais *movimentos*.
3. Elas se originam e re-elaboram diferentes fundamentos teóricos e diversos estilos de construção de modelos de conhecimento social através da pesquisa científica. Não existe na realidade um modelo único ou uma metodologia científica própria a todas as abordagens da *pesquisa participante*.
4. Entre as suas diferentes alternativas, de modo geral, as pesquisas participantes alinham-se em projetos de envolvimento e mútuo compromisso de *ações sociais de vocação popular*. Assim, geralmente elas colocam face-a-face pessoas e agências sociais “eruditas” (como um sociólogo, um educador de carreira ou uma ong de direitos humanos) e “populares” (como um indígena tarasco, um operário sindicalizado argentino, um camponês semi-alfabetizado do Centro-Oeste do Brasil, ou o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra). De modo geral elas partem de diferentes possibilidades de relacionamentos entre os dois pólos de atores sociais envolvidos, interativos e participantes.

5. Em suas diferentes vocações, as *pesquisas participantes* atribuem aos agentes-populares diferentes posições na gestão de esferas de poder ao longo no processo da pesquisa, assim como na gestão dos processos de ação social dentro da qual a *pesquisa participante* tende a ser concebida como um instrumento, um método de ação científica, ou um momento de um trabalho popular de dimensão pedagógica e política quase sempre mais amplo e de maior continuidade do que a própria pesquisa.
6. De modo geral, as diferentes alternativas da *pesquisa participante* surgem em intervalos entre a contribuição teórica e metodológica vinda da Europa e dos Estados Unidos da América do Norte, e a criação ou recriação original de sistemas africanos, asiáticos e latino-americanos de pensamentos e de práticas sociais. Não é raro que uma abordagem que se auto-identifica como “dialética” empregue, na prática, procedimentos formais e quantitativos próprios a abordagens metodológicas de cunho neopositivista.

Seria agora proveitoso fazermos aqui uma síntese de alguns princípios operativos que foram mais ou menos comuns e que fundamentaram as experiências originais da *pesquisa participante* aqui no Brasil e em praticamente toda a América Latina. Mesmo que eles possam parecer, aos olhos de hoje algo radicais e, por isso mesmo, ultrapassados, devemos levar em conta a sua relativa atualidade, sobretudo nas experiências que preservam vínculos entre a *pesquisa participante* e os *movimentos sociais*.

ALGUNS FUNDAMENTOS E ALGUNS PRINCÍPIOS CONVERGENTES E ATUAIS

Tomemos como base as idéias de dois educadores mexicanos, Luis Gabarrón e Libertad Landa, em seu livro, infelizmente nunca traduzido para o Português.² Lembramos que essa listagem de “princípios de ação” vale com maior fidelidade para as idéias e as propostas de *pesquisa participante* que defendiam ou seguem defendendo uma aliança direta de enlace entre nós e os movimentos populares. É bem evidente que esses princípios da ação social através da investigação científica não correspondem a todas as alternativas dos tempos de origem da *pesquisa participante* entre nós. Ampliamos a forma como no texto original cada um dos “princípios” é apresentado, buscando tornar mais atuais as palavras originais em que nos estamos baseando. Logo a seguir comentamos alguns deles em conjunto.

² Seguimos, alterando em alguns casos a ordem original, as idéias de Luis Gabarrón e Libertad Hernández Landa, em *Investigación Participativa* (1994). Raras vezes foi possível encontrar uma síntese tão oportuna como esta, em sua íntegra e com os comentários dos autores, ela pode ser encontrada entre as páginas 28 e 44. Embora o livro completo não tenha sido publicado em Português, uma síntese bastante oportuna dele saiu como um dos capítulos do livro *Pesquisa Participante – a partilha do saber*, indicado em nota anterior.

- O ponto de origem da *pesquisa participante* deve estar situado em uma perspectiva da realidade social, tomada como uma totalidade em sua estrutura e em sua dinâmica. Mesmo que a ação de pesquisa e mesmo que as ações sociais associadas a ela sejam bem locais e bem parciais, incidindo sobre apenas um aspecto de toda uma *vida social*, nunca se deve perder de vista as integrações e interações que compõem o todo das estruturas e das dinâmicas desta mesma *vida social*.
- Deve-se partir da *realidade concreta da vida cotidiana* dos próprios participantes individuais e coletivos do processo, em suas diferentes dimensões e interações. A vida real, as experiências reais, as interpretações dadas a estas vidas e experiências, tais como são vividas e pensadas pelas pessoas com quem inter-atuamos.
- Os processos e as estruturas, as organizações e os diferentes sujeitos sociais devem ser contextualizados em sua *dimensão histórica*, pois é o acontecer de momentos da vida, vividos no fluxo de uma história, e é a integração orgânica dos acontecimentos de tal dimensão, aquilo que em boa medida explica as dimensões e interações do que chamamos uma realidade social.
- A relação tradicional de *sujeito-objeto* entre investigador-educador e os grupos populares deve ser progressivamente convertida em uma relação do tipo *sujeito-sujeito*, a partir do suposto de que todas as pessoas e todas as culturas são fontes originais de saber. A partir, também, da consciência de que é da interação entre os diferentes conhecimentos que uma forma partilhável de *compreensão da realidade social* pode ser construída através do exercício de uma pesquisa. O conhecimento científico e o popular articulam-se criticamente em um terceiro conhecimento novo e transformador.
- Deve-se partir sempre da busca de *unidade entre a teoria e a prática*, e construir e re-construir a teoria a partir de uma seqüência de práticas refletidas criticamente. A *pesquisa participante* deve ser pensada como um momento dinâmico de um processo de *ação social comunitária*. Ela se insere no fluxo desta ação e deve ser exercida como algo integrado e, também, dinâmico.
- As questões e os desafios surgidos ao longo de ações sociais definem a necessidade e o estilo de procedimentos de *pesquisa participante*. O processo e os resultados de uma pesquisa interferem nas *práticas sociais* e, de novo, o seu curso levanta a necessidade e o momento da realização de novas investigações participativas.
- A *participação popular comunitária* deve se dar, preferencialmente, através de todo o *processo de investigação-educação-ação*. De uma maneira crescente, de uma para outra experiência, as equipes responsáveis pela realização de *pesquisas participativas* devem incorporar e integrar agentes assessores e agentes populares.
- O ideal será que em momentos posteriores exista uma participação culturalmente diferenciada, mas social e politicamente equivalente e

igualada, mesmo que entre pessoas e grupos provenientes de tradições diferentes quanto aos conteúdos e aos processos de criação social de conhecimentos.

- O compromisso social, político e ideológico do/da investigador(a) é com *a comunidade*, é com pessoas e grupos humanos populares, com as suas causas sociais. Mesmo em uma investigação ligada a um trabalho setorial e provisório, o propósito de uma ação social de vocação popular é a *autonomia de seus sujeitos na gestão do conhecimento e das ações sociais* dele derivadas. É, também, a progressiva integração de dimensões de conhecimento parcelar da vida social, em planos mais dialeticamente interligados e inter-dependentes.
- Deve-se reconhecer e deve-se aprender a lidar com o *caráter político e ideológico* de toda e qualquer atividade científica e pedagógica. A pesquisa participante deve ser praticada como um ato de compromisso de presença e de participação claro e assumido.
- Não existe neutralidade científica em pesquisa alguma e, menos ainda, em investigações vinculadas a projetos de ação social. No entanto, realizar um trabalho de partilha na produção social de conhecimentos, não significa o direito a pré-ideologizar partidariamente os pressupostos da investigação e a aplicação de seus resultados.
- Na maior parte dos casos, a *pesquisa participante* é um momento de *trabalhos de educação popular* realizados junto com e a serviço de comunidades, grupos e movimentos sociais, em geral, populares. É do constante diálogo não doutrinário de parte a parte que um consenso sempre dinâmico e modificável deve ir sendo também construído. Uma verdadeira *pesquisa participante* cria solidariamente, mas nunca impõe partidariamente conhecimentos e valores.
- A investigação, a educação e a ação social convertem-se em momentos metodológicos de um único processo dirigido à *transformação social*. Mesmo quando a pesquisa sirva a uma ação social local e limitada como foco sobre uma questão específica da vida social, é o seu todo o que está em questão.
- E é a possibilidade de transformação de saberes, de sensibilidades e de motivações populares em nome da transformação da sociedade desigual, excludente e regida por princípios e valores do mercado de bens e de capitais, em nome da humanização da vida social, que os conhecimentos de uma pesquisa participante devem ser produzidos, lidos e integrados como uma forma alternativa emancipatória de saber popular.

Naquilo que as aproxima, as alternativas de *pesquisa participante* da tradição brasileira e latino-americana, sonharam inovar, as abordagens conhecidas e praticadas como ações sociais com base em conhecimentos científicos, através do aporte de novas alternativas de trabalho junto a grupos e a comunidades populares, observam hoje em dia uma grande variedade de alternativas. De modo geral, os seus

ganhos teóricos e ideológicos foram e seguem sendo maiores do que as suas realizações práticas.

Dos anos 60 e 70 até os dias de hoje, as suas diversas alternativas pretendiam re-criar os termos da crítica científica e política às relações tradicionais entre o conhecimento produzido através de pesquisas científicas, e as ações sociais associadas a elas ou delas derivadas. Elas aspiravam e seguem aspirando diferentes dimensões de *transformações de ações sociais de vocação comunitária e popular*, a partir de uma elaboração sistemática de conhecimentos, de saberes e de valores construídos solidariamente, gerados através de pesquisas sociais colocadas a serviço de experiências co-participadas de criação coletiva de saberes, a partir do enlace entre profissionais e/ou militantes agenciados e as pessoas, grupos e comunidades populares.

Este é também o duplo sentido da idéia de totalidade nas propostas originais das *pesquisas participantes*. Em um primeiro momento elas aspiram ser algo historicamente às novas idéias holísticas e transdisciplinares dos “novos paradigmas”, e seus preceitos de totalizações complexas. Os fundamentos originais são direta ou indiretamente marxistas e, em vários documentos as *pesquisas participantes* aparecem como uma “abordagem dialética”³. Hoje esta postura mais centralizadora tem sido bastante revisitada. Surgem novas idéias e novas alternativas de interação entre antigos e novos “paradigmas” que obrigam a diálogos inevitáveis e fecundos hoje em dia. A contribuição de um sociólogo como Boaventura de Souza Santos é, neste contexto, muito relevante. Uma das principais características das *alternativas participativas* é a sua diferenciação. Não reconhecemos hoje em dia uma tendência única ou dominante. Uma única teoria, um único método de trabalho e nem mesmo um único horizonte de ação social.

Assim, a idéia de uma *compreensão totalizante da realidade social*, tem a ver com a integração de todos os conhecimentos parcelares em estruturas dinâmicas e integradas de fatores e de processos sociais, de tal modo que qualquer que seja o “foco do conhecimento” no ponto de origem (uma pesquisa relativa a condições locais de saúde, por exemplo), a pesquisa deverá envolver, sempre que possível, as interações entre os diferentes planos e domínios de estruturas e processos inter-determinantes da sociedade.

Uma atenção especial deve ser sempre dada à dinâmica das relações e dos processos envolvidos na investigação, pois uma dimensão histórica está sempre e inevitavelmente presente.

³ Um dos autores mais originais nesta direção é Oscar Jara. Um de seus últimos trabalhos aborda a sistematização de experiências participativas na educação popular. A leitura de trabalhos sobre a *sistematização* de ações sociais populares resulta muito oportuna porque ela representa, a seu modo, uma atualização para os anos 80, 90 e seguintes, das propostas originais de estilos participativos na América Latina. Entre os livros anteriores, ver: *Conocer la realidad para transformala* (1991); *Investigación participativa – una dimensión integrante de la educación popular* (1990). Em português pode ser lido o seu livro: *Para sistematizar experiências* (1996).

Uma dinâmica da história é importante na reconstrução do passado próximo, ela o é, mais ainda, no olhar entre o presente e o futuro. Pois, aqui, não se trata de conhecer para “promover” ou para “desenvolver” algo, mas para transformar o todo em que este “algo” existe como está e, assim, deve ser transformado junto com o todo social de que é parte. Na *pesquisa participante* sempre importa conhecer para formar pessoas populares motivadas a transformarem os cenários sociais de suas próprias vidas e destinos e, não apenas, para resolverem alguns problemas locais restritos e isolados, ainda que o propósito mais imediato da ação social associada à *pesquisa participante* seja local e específico. A idéia de que somente se conhece o que se transforma é inúmeras vezes evocada até hoje.

A este princípio de totalização associa-se a idéia de que, como integrantes de momentos da *educação popular* e de toda a desejada dinâmica dos *movimentos populares*, a *pesquisa participante* integra quatro propósitos que vale reunir aqui:

- Em suas variedades e variações, as *abordagens participativas* respondem de maneira direta às finalidades práticas e sociais a que se destina, como um meio de conhecimento de questões sociais a serem participativamente trabalhadas.
- Elas pretendem ser instrumentos pedagógicos e dialógicos de aprendizado partilhado e, portanto, como vimos já, possui organicamente uma vocação educativa e, como tal, politicamente formadora.
- As *abordagens de pesquisa de vocação participativa* aspiram participar de processos mais amplos e contínuos de construção progressiva de um saber mais partilhado, mais abrangente e mais sensível às origens populares do conhecimento popular.
- Em boa parte das experiências, as *alternativas participativas* se reconhecem vinculadas de algum modo com a *educação popular*. Através dela, elas se identificam como um serviço aos empoderamento dos *movimentos populares* e de seus integrantes.
- Nestas e em outras opções, as *alternativas participativas através da pesquisa* abrem-se de maneira múltipla e fecunda a outros campos de ação social. Um deles, e um dos mais enfatizados hoje em dia, é o das pesquisas e ações ambientalistas. De fato um dos campos onde com mais criatividade multiplicam-se experiências de investigações participativas associadas a alguma forma de ação comunitária, é o das ações ambientais.

ALGUMAS IDÉIAS PARA TORNAR ATUAIS PROPOSTAS DE PESQUISA PARTICIPANTE NO TRABALHO JUNTO A UNIDADES DE AÇÃO SOCIAL POPULAR

A pesquisa serve à criação do saber e o saber serve a interação entre saberes. A interação dialógica entre campos, planos e sistemas de conhecimento serve ao adensamento e ao alargamento da compreensão de pessoas humanas a respeito do que importa: nós-mesmos, os círculos de vida social e de cultura que nos enlaçam de maneira inevitável, a vida que compartilhamos uns com os outros e todos os seres da vida, o mundo e os infinitos círculos de realização do cosmos de que somos, nossa pessoa individual, nossas comunidades, a vida, o nosso mundo, parte e partilha. Todo

o conhecimento competente não vocacionado ao diálogo entre saberes e entre diferentes criadores de saberes – inclusive os situados fora do campo das ciências acadêmicas e dos saberes auto-proclamados como cultos e/ou eruditos – não tem mais valor do que o de sua própria solidão.

No intervalo da comunicação entre os defensores dos modelos de objetivação da ciência (os herdeiros da tradição epistemológica da “física social” entre os cientistas da pessoa e da sociedade) e os defensores dos modelos de subjetividade do cientista (os herdeiros da tradição epistemológica das ciências do espírito, para quem o fundamento da sociedade é a ação humana e o fundamento da ação humana é a sua subjetividade) que, qualquer que seja o seu campo de realização e, mais ainda, de integração com outros campos de ciências e de interação com outros domínios de criação de conhecimento-valor, a pesquisa científica e o cientista devem lutar por preservar critério de rigor, de objetividade e de honesta competência em seu trabalho. Isto não deve ser contraposto ao crescendo da evidência de que tão una, totalizante, múltipla, complexa, diferenciada, previsível, incerta e conectiva quanto é qualquer plano do que chamamos (própria ou imprópriamente) de “realidade”, são as diferentes alternativas de perceber-la, de investigar-la, de criar teorias de interpretação sobre ela e de buscar compreensões integrativas entre seus vários eixos de conexão.

Qualquer teoria científica é uma interpretação entre outras e vale pelo seu teor de diálogo, não pelo seu acúmulo de certezas. Todo o modelo de ciência fechado em si mesmo é uma experiência de pensamento fundamentalista, como o de qualquer religião ou qualquer outro sistema de sentido fanático.

O fosso de desigualdades e de uso de maus espelhos entre as ciências “naturais” e as “sociais” deve tender a ser um intervalo aberto e francamente dialógico entre umas e outras. A prática do ambientalismo e as convergências de conhecimentos nas “novas ecologias” (da mais “científica” à “profunda”, à “da mente”) bem podem ser um caminho a seguir aqui. Podemos acreditar que, ao contrário do que vimos acontecer ao longo dos últimos séculos, o modelo das ciências sociais não é a boa prática das naturais. As ciências da natureza aprendem a relativizar (matemática inclusive), a pluralizar compreensões, a subjetivar métodos e a descobrir e compreender através do diálogo entre leituras e, não, através de monólogos de certezas. Tomam, portanto, um como modelo de teoria e prática, a atualidade dos dilemas das ciências humanas. Isto não significa uma inversão de domínio, pois o sentido de domínio deve deixar de existir aqui. Significa que de um lado e do outro – até não existirem mais lados, como margens que separam – o avanço da compreensão está relacionado a um progressivo e irreversível abandono das variantes do positivismo científico e lógico, da redução da compreensão à experimentação e da experimentação à manipulação de sujeitos sobre objetos.

E este caminhar direcionado à construção lenta, diferenciada e progressiva de uma transdisciplinaridade, em nada significa o sonho (um pesadelo, na verdade) de uma ciência única, pan-unificadora. Não converge sequer para a criação de uma pan-teoria geral do saber, mas, ao contrário, abre-se ao que de maneira afortunada Boaventura de Souza Santos chamou de “um conjunto de galerias temáticas onde convergem linhas d’água que até agora concebemos como objetos estanques”. Esta

convergência, lembremos uma vez mais, retoma o valor e o sentido tanto das diferentes outras alternativas culturais de construção de saber e de criação de sentido e valor, incluídas aí as diferentes tradições populares e de povos testemunho.

A finalidade do conhecimento é também a de produzir respostas às necessidades humanas. Podemos mesmo lembrar a idéia de Bertold Brecht, partilhada por tantas outras pessoas: a finalidade da ciência é aliviar a miséria da condição humana. Mas isto não significa que a ciência deva ser originalmente utilitária. Se existe uma utilidade fundamental da ciência ela está na criação e ampliação da compreensão humana a respeito dos e das integrações entre os mistérios da própria pessoa, do mundo em que ela vive, da vida em que ela e outros seres da vida se realizam e de totalizações diferenciadas em que tudo isto existe e a que converge, sem perder dimensões de sua identidade.

Mas esta abertura do valor-ciência à compreensão totalizadora, à decifração maravilhada de mistério, à descoberta incessante de novos e mais desafiadores mistérios a serem decifrados, ao aporte infinito de saberes-valores a todas as aventuras do diálogo entre pessoas e entre grupos de pessoas, povos e culturas, não deve ocultar o fato de que hoje, mais do que nunca, a sobrevivência e a felicidade cotidiana de pessoas, de grupos humanos, de povos e de nações, de toda a humanidade, no limite, têm exigências urgentes formuladas aos saberes da ciência.

Em um momento da história da trajetória humana em que a metade dos insumos empregados na indústria da morte e da guerra poderia salvar a vida de milhões de pessoas, poderia trazer um fundamento material do direito à felicidade para milhões de pessoas e poderia ser destinado a frear de fato o processo de destruição ambiental do planeta Terra e a regenerar áreas imensas já degradadas em todos os continentes. É tempo de voltarmos às perguntas e Rousseau lembrada por Boaventura de Souza Santos no começo do livro que nos tem acompanhado aqui:

Há alguma relação entre a ciência e a virtude? Há alguma razão de peso para substituímos o conhecimento vulgar que temos da natureza e da vida e que partilhamos com os homens e mulheres de nossa sociedade pelo conhecimento científico produzido por poucos e inacessível à maioria? Contribuirá a ciência para diminuir o fosso crescente na nossa sociedade entre o que se é e o que se aparenta ser, por saber dizer e o saber fazer, entre a teoria e a prática? (SANTOS, B, 2001)⁴

Todo pensamento que imagina saber algo e que enuncia e diz o que alguém pensa, de algum modo, a outras pessoas, a outros pensadores-interlocutores, fala sempre *desde* e *para* um lugar social. Então, assim como todas as outras práticas sociais, a ciência e a educação que sonhamos praticar e através das quais descobrir e ampliar *ad infinitum* sujeitos e campos sociais de diálogo criador e emancipatório, pretendem estar falando desde o lugar social da comunidade humana concreta e

⁴ Op. Cit. Página 7. Lembramos que Boaventura recorda que Rousseau responde com um “não” às perguntas que ele mesmo formula.

cotidiana. E pretendem se dirigir a comunidades humanas de criadores da vida de todos os dias e da história que esta vida múltipla entretece e escreve.

A escolha dominante e crescentemente dominadora do saber que se cria segundo os interesses do lugar social mercado de bens, e que fala em seu nome e que se dirige não apenas a ele, mas a subordinar todos os outros campos de realização da vida e da criação da história a ele, deverá ser constituído como um plano oposto de nosso diálogo. Um plano não situado fora de nosso desejo de diálogo a partir do “lado da vida”, de que fala Walter Benjamin, pois também ele está constituído por pessoas humanas. Mas um lugar de interesses utilitários sobre o pensamento, sobre a ciência e sobre a educação cuja vocação clara ou implícita é a de reduzir pessoas a mercadorias, e criações livres de pensamentos à reprodução robotizada de ordens de serviço, como se toda criação da mente e do coração humano fossem destinados apenas a isto.

Lembremos aqui uma de suas passagens mais memoráveis. Em algum lugar de ***A questão do método*** (não temos conosco o original e citamos de memória) ele, falando sobre o que é essencial na repartição da vida humana, diz isto:

O essencial não é o que foi feito do homem, mas o que ele faz daquilo que fizeram dele. O que foi feito dele são as estruturas, os conjuntos significantes estudados pelas ciências humanas. O que ele faz é a sua própria história, a superação real destas estruturas numa práxis totalizadora.

Lembremos que em Paulo Freire sempre foi cara a idéia de *práxis*. Se a recordamos bem, tal como escrita tantas vezes por ele, *práxis*: um pensar dialógico e crítico a respeito de uma realidade que uma ação reflexiva – ela própria o pensamento tornado atividade coletiva e subversivamente conseqüente – trata de transformar como e através de um processo inacabado e sempre actancial e reflexivamente aperfeiçoável ao longo da história humana. E a própria história deve tender a ser *práxis*, cria e transforma. Também em Boaventura de Souza Santos o momento da superação da dicotomia, da hierarquia forçada entre conhecimento científico (o dos outros sobre nós) e o conhecimento vulgar (o nosso sobre os outros) deverá desaguar no na experiência em que “a prática será o fazer e o dizer da filosofia da prática”⁵.

Para além da realização dos planos intelectuais de um sujeito de conhecimento – um filósofo, um cientista, um investigador – e para além da utilização dos benefícios estendíveis a quem foi antes um objeto de conhecimento através de uma pesquisa, todo o trabalho conseqüente de investigação deve objetivar ser um passo a mais no caminho da realização humana. Deve ser alguma forma de compreensão mais alargada, mais profunda a respeito de algo não conhecido, imperfeitamente conhecido ou passível de, através de uma outra fração de conhecimento confiável e dialogável, ser incorporado a um “todo de compreensão” mais fecundo. Mais fecundo como conhecimento integrado “a respeito de” e também como possibilidade de

5 Boaventura de Souza Santos, op. cit. Página 10.

realização do conhecimento como um projeto de transformação de algo em alguma coisa melhor. Todo o bom saber transforma o que há no que pode haver.

Todo o conhecimento de qualquer ciência vocacionada ao alargamento do diálogo e à criação de estruturas sociais e de processos interativos – econômicos, políticos, científicos, tecnológicos ou o que seja – sempre mais humanizadores, integra antes, de algum modo, sujeitos e objetos em um projeto de mudança em direção ao bem, ao belo e ao verdadeiro.

Gaston Bachelard poderia não estar pensando o mesmo que escrevemos acima. Mas foi também nele que nos inspiramos para acrescentar as idéias contidas em suas palavras nas de Jean-Paul Sartre. Elas são estas:

A verdade científica é uma predição, ou melhor, uma pregação. Convocamos os espíritos à convergência, anunciando a nova científica, transmitindo de uma só vez um pensamento e uma experiência, ligando o pensamento à experiência numa verificação: o mundo científico é, pois, nossa verificação. Acima do sujeito, acima do objeto imediato, a ciência moderna se funda sobre o projeto. No pensamento científico a meditação do objeto pelo sujeito toma sempre a forma de projeto (SARTRE)⁶.

Podemos refletir sobre a passagem de Sartre escrita acima, e podemos pensar como e em que medida ela pode ser um dilema anteposto entre o que sabemos, o que devemos aprender a saber, o que fazemos para aprender a saber e o que fazemos com o que aprendemos a saber. Com o que, entre ainda estudantes e já professores, descobrimos que ensinamos também o que não sabemos e, então, pesquisamos.

Assim sendo, podemos tomar a idéia escrita de Sartre e esticá-la, se é que isto é necessário. Mas se for, um alargamento das suas palavras, quando repensadas para as artes e os ofícios que nos unem aqui, ela poderia ficar mais ou menos deste modo:

O essencial não é o que foi feito do homem. O essencial é o que ele faz e não cessa de seguir fazendo com o que fizeram dele. O que fizeram dele são as estruturas e os processos sociais de poder e de posse de bens, de serviços, de sentidos, de valores e dos meios através dos quais ele pode pensar e estabelecer de maneira livre e solidária situações de gerar o seu próprio aprendizado e criar o seu próprio pensamento. O que seguem fazendo dele é a reprodução sempre atualizada de estruturas de controle de mentes, de corações e de culturas. São as relações sociais fundadas por e fundadoras de relacionamentos humanos regidos pela desigualdade, pela exclusão, pela subordinação, pelo poder de qualificação de atores sociais e de atribuição desigual de sentido às suas vidas, às suas idéias, às suas ações. São os processos programados de robotização da experiência humana e de conseqüente de tolhimento da liberdade, sob a aparência de que nunca houve

⁶ Está na pagina 18 de *O novo espírito científico*, editado pela Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro em 1968.

tanto direito à escolha autônoma⁷. O que fazem dele é o exercício dado por legítimo da-violência, e depois a violência que a violência original do poder e da posse entre desiguais faz existir. O que o homem faz é o que ele cria. O que ele cria são os gestos de quando o coração e o conhecimento geram os saberes de sua condição de pessoa em busca da construção de sua liberdade. Aquilo que passo a passo ele escreve quando pensa e inscreve quando age sobre e transforma a sua experiência, a experiência cotidiana, dentro e através da qual as redes e teias de pessoas que a assumem como uma criação responsável e solidária, constroem e pensam os termos de sua própria história. Toda a pesquisa, em qualquer circunstância com esta vocação, e qualquer que seja o seu domínio de pensamento, não é mais do que um pequeno, efêmero e indispensável momento em tudo isto.

Podemos, finalmente, em nosso caso específico lembrar que o destino do conhecimento que produzimos deságua, em primeiro lugar numa comunidade cultural chamada *educação* e, a seguir, nas suas pequenas e insubstituíveis comunidades sociais chamadas escolas, salas de aulas, comunidades aprendentes.

A quem pensa esta vocação comunitária do saber, podemos lembrar com o carinho de uma despedida, o velho provérbio chinês já nosso tão conhecido:

Se você faz planos de vida para um ano,

Semeie arroz.

Se você faz planos para dez anos,

Plante árvores.

Se você pensa planos para cem anos,

Eduque o povo.

BIBLIOGRAFIA

(envolvendo os textos citados e outros úteis para leitores interessados no tema)

BARBIER, René, 2002, **A pesquisa-ação**, Brasília, Editora Plano.

BONILLA, Victor; CASTILLO, Gonzalo; FALS BORDA, Orlando; LIBREROS, Augusto, Causa popular, ciência popular: uma metodologia do conhecimento científico através da ação, in: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Repensando a pesquisa participante**, São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; FALS BORDA, Orlando. **Investigación Participativa**. in: CETRULLO, Ricardo (org). Montevideo: Instituto Del Hombre/Ediciones de la Banda Oriental, 1985.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org). **Pesquisa Participante**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2001.

⁷ Principalmente no que se refere ao número de canais disponíveis nos aparelhos de televisão.

_____ (org). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

_____. **A pergunta a várias mãos**. São Paulo: Editora Cortez, 2003.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Transdisciplinaridade**. São Paulo: Editora Palas Atenía, 1997.

DE SHUTTER, Antón; YOPO, Boris. Desarrollo y perspectivas de la investigación participativa. in: VERAJANO, Gilberto M. (org). **La investigación participativa en**

América Latina. Pátzcuaro: CREFAL, 1983.

DIOCESE DE GOIÁS. **Condições de vida e situação do povo de Goiás (oito cadernos de pesquisa)**. Goiânia: Diocese de Goiás/UCG, s/d.

FERNANDEZ, Walter; RAJESH, Tandon (eds). **Participatory research and evaluation**. Nova Delhi: Indian Social Institute, 1981.

FREIRE, Paulo. Criando métodos de pesquisa alternativa. In: Brandão, Carlos Rodrigues (org). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

GAJARDO, Marcela. **Pesquisa Participante na América Latina**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

GABARRON, Luis Rodrigues; LANDA, Libertad Hernández. Investigación participativa. In **Cadernos Metodológicos 10**. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas, 1994.

JARA, Oscar. **Para sistematizar experiências**. João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 1996.

_____. **Conocer la realidad para transformala**. San José: ALFORJA, 1991.

_____. **Invstigación participativa: una dimensión integrante de la educación popular**. San José: ALFORJA, 1990.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. Campinas: Papirus, 2000.

MOSCOVICI, Serge. Society and theory in social psychology. in: ISRAEL, J.; TAJFEL, H. (comps). **The context of social psychology – a critical assessment**. Nova York: Academic Press, 1972.

OZANIRA, Maria da Silva e Silva. **Refletindo a pesquisa participante**. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

POPPER, Karl Rudolf. **Conhecimento Objetivo**. São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1975.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice – o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

_____. **A crítica da razão indolente – contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

_____. **Um discurso sobre a ciência**(12^a ed). Porto: Afrontamento, 2001.

STREKC, Danilo; BRANDÃO, Carlos Rodrigues (orgs). **Pesquisa Participante – a partilha do saber**. Editora Santuário: Aparecida do Norte, 2006.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

WALSH, Roger; VAUGHAN, Frances (orgs). **Caminhos além do Ego – uma visão transpessoal**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1999.